



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

APONTAMENTOS SOBRE A RELAÇÃO ENTRE IDEOLOGIA E PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

Alexandre de Jesus Santos
(UESB)

Milton Rocha
(UESB)

RESUMO

O presente artigo procura abordar a relação entre ideologia e produção do conhecimento no âmbito das ciências, apresentando uma tese que se contrapõe a visão corrente de que o campo da produção científica estaria isento das determinações ideológicas da sociedade de classe devido à propalada neutralidade axiológica que supostamente os cientistas lançam mão para tratar os problemas sobre os quais se debruça. Para esta contraposição, apresentaremos a concepção de ideologia defendida pelo filósofo húngaro István Mészáros, segundo a qual a produção do conhecimento é eminentemente ideológica nas sociedades divididas em classe, pois se encontra estruturalmente atrelada aos interesses materiais que se articulam e se confrontam na arena da luta sobre o controle do metabolismo social.

PALAVRAS-CHAVES: Conhecimento Científico; Ideologia; Luta de Classe.

INTRODUÇÃO

Tratar da relação existente entre ideologia e produção do conhecimento nos dias atuais julgamos ser importante, visto que um dos objetivos da ideologia burguesa é naturalizar e mistificar as relações sociais escondendo a subserviência

· Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia; pesquisador do GEILC – Grupo de Estudos de Ideologia e Lutas de Classes/Museu Pedagógico/UESB; E-mail: alexandre_magno2@hotmail.com;

· Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia; pesquisador do GEILC – Grupo de Estudos de Ideologia e Lutas de Classes/Museu Pedagógico/UESB; E-mail: mailtonrp@yahoo.com.br.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

de tal produção aos interesses sócio reprodutivos do capital. Um dos problemas sobre os quais nos debruçamos no texto que segue é o da pseudo-separação entre ideologia e ciência que é amplamente propalada na sociedade burguesa e acolhida até mesmo em determinados nichos da teoria marxista. Entre outras coisas, tal formulação procura colocar a produção científica e a ideologia em campos opostos na sociedade, isentando, assim, toda a produção científica de qualquer viés ideológico.

Assim, o objetivo do artigo que segue se propõe a argumentar como as ciências – sociais, naturais, matemáticas etc. – não somente estão literalmente impregnadas de ideologia como, em última instância, na sociedade do capital é a ideologia, sobretudo a burguesa, que orienta e exerce certa determinação na produção do conhecimento científico.

Para tecer as tramas dessa relação entre ideologia e ciência teremos como principal referencial teórico as recentes formulações do filósofo húngaro István Mészáros contidas nas obras *O poder da ideologia* (2004) e *Estrutura social e formas de consciência II*(2011). Eventualmente recorreremos tanto a outras obras do mesmo autor, como também a outros autores para subsidiar nossa argumentação.

Contudo, é preciso deixar claro que, longe de tencionarmos esgotar a problemática, pretendemos apenas fomentar o debate sobre um tema absolutamente complexo e polêmico. Antes, porém, precisamos definir o que compreendemos por ideologia, pois, somente a partir dessa definição é que poderemos pisar em solo relativamente firme afim de desenvolver nossa argumentação.

IDEOLOGIA E LUTAS DE CLASSES

Em 1984 a filósofa brasileira Marilena Chauí publicou um livro cujo título era “O que é ideologia”. Não se tratava de uma arguição, mas de uma afirmação



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

peremptória cujo propósito era, nas poucas páginas que compunha o livro, oferecer uma definição marxista para o conceito de ideologia. Evidentemente, um livro dessa natureza deve ter influenciado muitas gerações de estudantes e contribuído de forma decisiva para uma compreensão unilateral do conceito de ideologia.

Não temos aqui a pretensão de destrinchar as formulações de Chauí contidas neste livro, mas apenas evidenciar que a autora fundamenta sua argumentação em uma interpretação corrente da obra de Marx e Engels segundo a qual a ideologia equivale a um tipo de falsa consciência. Entre as inferências da autora podemos facilmente encontrar trechos afirmando que “[...] o que faz da ideologia uma força quase impossível de ser destruída é o fato de que a dominação real é justamente aquilo que a ideologia tem por finalidade ocultar” (CHAUÍ, 1984, p. 87).

Duas argumentações se evidenciam na fala da autora: a primeira refere-se ao papel mistificador desempenhado pela ideologia, cujo objetivo é ocultar a dominação real existente entre as classes sociais que subjazem na sociedade; a segunda evidencia o papel da ideologia como legitimadora e neutralizadora das relações sociais dadas, resguardando o objetivo de garantir uma reprodução social sem muitas adversidades. Num outro trecho a autora traz a seguinte argumentação:

[...] cometemos um engano quando imaginamos ser possível substituir uma ideologia “falsa” (que não diz tudo) por uma ideologia “verdadeira” (que diz tudo). Ou quando imaginamos que a ideologia “falsa” é a dos dominantes, enquanto a ideologia “verdadeira” é a dos dominados. [...] falar em ideologia dos dominados é um contra-senso, visto que a ideologia é um instrumento da dominação (CHAUÍ, 1984, p. 115).

Na concepção de Chauí, sendo a ideologia um instrumento de dominação, as classes dominadas não podem ter ideologia, pois ela, por este viés interpretativo, equivale a um mecanismo de reprodução social das condições de dominação de classe. A autora chega mesmo a contrapor o “saber real” (resultante da percepção objetiva da realidade material) ao conhecimento ideológico (resultante de



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

formulações de ideólogos produzidos a partir da divisão social do trabalho cuja função social concerne na produção e universalização das ideias particulares). Essa interpretação protagonizada por Chauí torna plausível a seguinte afirmação: a ideologia não é ciência e na ciência não existe ideologia. Evidentemente, a autora não está sozinha nesta empreitada, pois muitos escritores marxistas aderiram a tese de que ideologia e ciência estão em campos opostos uma não perpassando a outra.

Althusser (1996), por exemplo, que, em sua concepção de ideologia consegue se desvencilhar da problemática representativista e da falsa consciência ao entendê-la como uma existência material, é o autor que de forma mais categórica evidencia aquela abordagem de ideologia com uma função de manter as relações de dominação quando insere a análise dos *Aparelhos Ideológicos de Estado*. Assim, em Althusser, que precede Chauí, a ideologia, emanada dos AIEs, também possui a característica de reproduzir o domínio material da classe dominante. Na abordagem althusseriana a ideologia é igualmente definida em termos de universalização das ideias dominantes cujo objetivo é legitimar as relações de exploração; aqui, porém, por via material da ação dos AIEs sobre os sujeitos. Segundo o autor

Naturalmente, os mecanismos que produzem este resultado [reprodução da ideologia burguesa]¹¹, vital para o regime capitalista, são encobertos e ocultados por uma ideologia da classe, universalmente dominante por ser uma das formas essências da ideologia burguesa dominante[...] (1996, p.122).

Em uma outra passagem, Althusser evidencia o papel prático da ideologia ao permitir a reprodução cotidiana das práticas sociais a partir da inserção do conceito de interpelação, que conduz os indivíduos a se tornarem sujeitos concretos deste mundo por meio do ritual do reconhecimento utilitário em relação a estas práticas. Este mecanismo de reconhecimento, no entanto, é um meio pelo

¹¹ Grifo nosso.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

qual a ideologia funciona na formação social dos sujeitos ao reunir todos numa mesma forma de constituição de sujeitos. Nas palavras do autor

[...] reconhecer que somos sujeitos e que funcionamos nos rituais práticos da mais elementar vida cotidiana [...] só nos dá a "consciência" de nossa prática incessante (eterna) do reconhecimento ideológico [...], mas não nos fornece, em nenhum sentido, o conhecimento (científico) do mecanismo desse reconhecimento. Ora, quando falamos em ideologia e de dentro da ideologia, é esse conhecimento que temos de atingir, se quisermos esboçar um discurso que tente romper com a ideologia, para que ele ouse ser o começo de um discurso científico (isto é, sem sujeito) sobre a ideologia (ALTHUSSER, 1996, p. 133).

Na passagem supracitada, o autor define com todas as letras o tipo de conhecimento (ou reconhecimento) adquirido a partir da ideologia, necessariamente relacionado a tomada de consciência das evidências que envolvem os rituais práticos da vida cotidiana que, por sua vez, nos inserem como sujeitos no quadro geral das ações coletivas. Assim, ideologia e ciência, também em Althusser como em Chauí (1984), estão em campos opostos da produção do conhecimento, aja vista que, por esta perspectiva, somente a ciência, isenta de ideologia, é passível de alcançar o "saber real" como formula Chauí.

No que concerne a generalidade da formulação, segundo nosso julgamento, não estão totalmente equivocadas, mas ao reduzir a ideologia, por um lado a noção de "falsa consciência" e a legitimação das relações sociais e, por outro, ao designá-la como um poder quase intransponível que se materializa nas (e materializa) práticas coordenadas no aparelho ideológico exterior, acabam por negar a diferença cabedal entre forma e conteúdo e, de certa maneira, negam as lutas de classes no complexo ideológico, além de alimentarem uma visão fetichista sobre a ciência, como se esta estivesse para além dos conflitos sociais subjacentes.

Não queremos aqui afirmar que os autores ora citados escamoteiam o conceito de lutas de classes em seus escritos, mas tão somente indicar alguns elementos que demonstram que na estruturação do sistema de conceitos erigidos



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

pelos mesmos, tal categoria não postula como central, ao menos no campo da ideologia, restringindo o conceito a uma visão negativa, desempenhando uma função apenas de dominação e reprodução (eterna) das práticas sociais. Muito embora Althusser não negue a relação entre a ideologia e a lutas de classes, ele não abre espaços para se compreender as lutas de classes no campo da ideologia.

Assim, tanto as formulações de Chauí (1984) quanto as de Althusser (1996) apresentam a ideologia como sendo algo negativo, já que ela está ligada tanto aos processos de mistificação da realidade quanto as estruturas de dominação das classes dominantes, que pode ser mediada pelos AIE.

Entrementes, uma outra perspectiva sobre a ideologia é colocada em foco por Mészáros ao afirmar que

[...] a ideologia aparece, na concepção marxiana, não em um sentido unilateral, mas com conotação diametralmente oposta. Em um sentido ela é apresentada, em sua negatividade, como uma força mistificadora e contraproducente, que, em grande medida, impede o desenvolvimento social. Por outro lado, no entanto, ela também é vista como um fator positivo vital – servindo ao propósito de superar [*overcoming*] determinadas restrições e resistências sociais (MÉSZÁROS, 2011, p. 141).

Por essa formulação apresentada por Mészáros, ao menos dois aspectos seriam negligenciados pelas concepções de ideologia dos autores citados: o primeiro relativo as lutas de classes no campo da ideologia e o segundo a relação entre forma e conteúdo. No primeiro aspecto, é um contrassenso imaginar que o campo ideológico estaria isento dessa disputa entre as classes sociais. Muito embora Marx e Engels tenham afirmado que “as ideias da classe dominante são as ideias dominantes em cada época” (2007, p. 71), eles nunca afirmaram que as ideias das classes dominantes eram as únicas ideias existentes na sociedade. Isso pressupõe que, no interior da sociedade, as forças que protagonizam o controle do metabolismo social produzem percepções conflitantes e formativas sobre a realidade material. Daí, a percepção e a compreensão que possuímos da realidade,



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

longe de ser resultante somente de nossa experiência empírica na cotidianidade ou da ação interpelativa das instituições, advém também das ideias, percepções e práticas já constituídas intercaladas a unidade material subjacente a partir das quais tomamos consciência da realidade para legitimar ou para confrontar tais relações.

Evidentemente, essas ideias contraditórias que perpassam o interior da sociedade são formulações ideológicas relacionadas a posição material de cada uma das classes que protagonizam o controle sócio metabólico, com o papel precípuo no processo de formação das consciências individuais e coletivas. Por isso, segundo Mészáros (2008), a ideologia é inseparável das sociedades de classes. Isso porque é tanto uma questão de determinação estrutural para a classe dominante apresentar o seu auto-interesse como interesse geral, quanto para aqueles que vão na via contrária, assumir uma postura de negação à ordem estabelecida, cujo projeto de remodelação não pode cair no ponto total da negatividade, sem apresentar uma dimensão positiva da negação radical. Nossa argumentação se sustenta na tese de Mészáros segundo a qual

[...] o que determina a natureza da ideologia, acima de tudo, é o imperativo de se tornar *praticamente consciente* do conflito social fundamental – a partir dos pontos de vista mutuamente excludentes das alternativas hegemônicas que se defrontam em determinada ordem social – com o propósito de resolvê-lo *pela luta* (MÉSZÁROS, 2004, p. 66).

Por essa perspectiva se, por um lado, a ideologia possui entre seus objetivos subverter e mistificar a realidade como uma “câmara invertida” quando retroalimentada para perpetuar a dominação de classe, por outro, sua função primordial é tornar os indivíduos que se orientam a partir das ideologias constituídas, conscientes dos conflitos sociais subjacentes.

Assim, reproduzir ou repudiar a ideologia dominante, segundo Mészáros, é resultado, por um lado, do desenvolvimento dos conflitos sociais que faz com que



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

cada classe com base nas condições materiais crie um instrumental teórico capaz de subsidiar a luta pelo controle do metabolismo social; mas, por outro, do modo pelo qual esses indivíduos, pertencentes as classes sociais, tomam consciência da realidade. A ideologia, por este prisma, ganha uma dimensão muito mais ampla, pois passa a ser um elemento constitutivo de ambas as classes sociais. Ainda segundo Mészáros,

[...] as principais ideologias levam a marca importantíssima da *formação social*, cujas práticas produtivas determinantes [...] elas adotam como seu quadro de referência. A questão da “falsa consciência” é um *momento subordinado* dessa consciência prática circunscrita pela época e, como tal, sujeita a uma multiplicidade de condições especificadoras, que devem ser avaliadas concretamente em seu próprio cenário (2008, pp. 10 – 11).

No segundo aspecto, relativo a relação forma e conteúdo da ideologia, acreditamos existe uma distinção fundamental entre as ideologias das diferentes classes sociais: enquanto a classe burguesa se consubstancia na própria ideologia burguesa, cuja forma evidencia sua razão de ser, protagonizando a dominação de classes, o seu conteúdo propõe a perenidade das relações sociais estabelecidas através de sucessivas mistificações, procurando ocultar os conflitos sociais e naturalizar o *ser-precisamente-assim* da vida burguesa, a ideologia que pode orientar parte da classe trabalhadora, cuja forma pressupõe o reconhecimento de si na condição de explorado, está voltada para suprimir a subsunção do trabalho ao capital objetivando a emancipação social. A rigor, quando a ideologia das classes trabalhadoras está ancorada da realidade material, cuja abstração pressupõe a apreensão aproximativa dos processos sociais, sua forma e seu conteúdo comportam aproximações sucessivas da objetividade, tornando-se, portanto, uma ideologia capaz de transpor a verdade transitória das relações materiais.

O que estamos afirmando é que as ideologias das distintas classes sociais, por essa perspectiva, desempenham funções substancialmente diferentes na sociedade, muito embora elas não são equivalentes, já que enquanto a ideologia



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

burguesa procura tornar universal a percepção e a condição particular através da generalização, a ideologia da classe trabalhadora, contrariamente, objetiva revelar exatamente aquilo que é ocultado pela ideologia burguesa.

Não se trata, portanto, de ser incoerente afirmar que a classe trabalhadora possui ideologia, como formulou Chauí (1984), mas é preciso saber distinguir tanto sua forma quanto seu conteúdo pois desempenham papéis ontológicos distintos nas sociedades de classes.

CLASSES SOCIAIS, IDEOLOGIA E PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NA SOCIEDADE DO CAPITAL

Na *Introdução* do livro *Contribuição à crítica da economia política* (2008), Marx faz uma importante e substancial inferência que nos ajudar a pesar a relação existente entre o indivíduo e a sociedade. Segundo ele

O homem, no sentido mais literal, é um *zoonpolitikon* [animal político – grego – N. E.], não somente um animal sociável, mas também um animal que não pode se isolar senão em sociedade. A produção por indivíduos isolados, fora da sociedade, [...] é algo tão insensato como o desenvolvimento da linguagem na ausência de indivíduos que vivem e falam juntos (2008, p. 239).

Evidentemente, existem, somente nessa formulação marxiana, uma gama de questões sobre as quais poderíamos nos debruçar. Entrementes, gostaríamos de chamar atenção para apenas uma delas: a relação entre o indivíduo e a sociedade. O indivíduo e a sociedade na compreensão de Marx constituem unidades dialéticas que estão em constante movimento. A produção individual, a vivência isolada, somente podem ocorrer porque cada indivíduo traz consigo, e manifesta em si, as forças coletivas e sociais. Nesse sentido, é um contrassenso afirmar existe indivíduos cuja manifestação da individualidade ocorra em estado “puro”. Contrariamente, toda particularidade manifesta em si a universalidade e, por



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

consequente, todo indivíduo carrega conjuradas em si as relações e as determinações sociais.

Em linhas gerais, a partir do momento que os homens desempenham, no âmbito da singularidade, ações teleológicas que resultam em causalidades postas (LESSA, 2012), ou seja, na medida em que, pela mediação do trabalho, os homens transformam a natureza existente fora de si, eles transformam, ao mesmo tempo, sua própria natureza (MARX, 2013). Assim, essa troca metabólica mediada pelo trabalho existente entre o homem e natureza não somente constrói o indivíduo, mas também a sociedade. Na formulação de Lessa e Tonet (2001, p. 25) “[...] todo ato de trabalho possui uma dimensão social”. Inferem ainda que “essas características que comparecem de forma elementar no trabalho estão também presentes em todo e qualquer ato humano – portanto, não são exclusivas do trabalho”.

Assim, a formulação de Marx (2008) segundo a qual toda e qualquer ação dos indivíduos tem uma dimensão social é de maior importância, pois, de forma bastante similar acontece a relação entre os indivíduos e as classes sociais. Sendo as classes sociais um dado da realidade que existem objetivamente, lutando mutuamente pelo controle do metabolismo social (Mészáros, 2004), os indivíduos estão, necessariamente, articulados às classes sociais de cada época histórica. Isso se deve ao fato de as classes já estarem constituídas quando os indivíduos veem ao mundo nessa situação concreta. Como o fato de pertencer a uma das principais classes que lutam pelo controle do metabolismo social é uma determinação objetiva, conforme sugere Lukács (2003) – de vendedor da força de trabalho ou possuidor dos meios de produção –, é exatamente a partir desse dado objetivo que os indivíduos vão tomar consciência da realidade.

Entretanto, isso não implica dizer que aqueles indivíduos que nascem atrelados estruturalmente a uma ou outra classe serão necessariamente uma ou outra coisa do ponto de vista da percepção da realidade e da *práxis* material. Contrariamente, toda relação pressupõe determinação e autonomia como



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

unidades dialéticas, mas, de forma geral, a tendência é que esses indivíduos tomem consciência da realidade a partir das relações materiais estabelecidas pelas classes as quais estão estruturalmente ligados.

Assim, retornamos agora ao ponto de partida, pois são exatamente as diferentes ideologias ligadas as classes sociais que, permeando o interior da sociedade, serão as responsáveis por fazer com que os indivíduos tomem consciência da realidade procurando resolver os conflitos pela luta. Evidentemente, a adesão a um ou outra ideologia também será determinada pela intensidade das contradições no interior da sociedade, muito embora, em regra, a tendência seja de adesão à ideologia burguesa por parte das classes trabalhadoras.

O que importa salientar, no entanto, é que numa sociedade cujas lutas de classes dão o tom das relações sociais, jamais poderemos considerar que possa, em regra, existir indivíduos que estão alheios ou acima desta determinação. Segundo Mézáros, três posições ideológicas distintas podem ser percebidas na sociedade:

A primeira apoia a ordem estabelecida com uma atitude acrítica, adotando e exaltando a forma vigente do sistema dominante [...]; a segunda [...] revela acertadamente as irracionalidades da *forma específica* de uma anacrônica sociedade de classes [...]. Mas sua crítica é viciada pela contradição de sua própria posição social – igualmente determinada pela classe, ainda que seja historicamente mais evoluída; e a terceira, contrapondo-se às duas anteriores, questiona a viabilidade histórica da própria sociedade de classes [...] (MÉSZÁROS, 2004, pp. 67 – 68).

Assim, se o indivíduo e a sociedade estão constituídos numa relação de reciprocidade e se a história (motor que move esta relação) é a história das lutas de classes (MARX E ENGELS, 2010), não é menos verdade que há uma dissociabilidade entre os indivíduos e as classes sociais. Desta forma, aderir a qualquer uma das duas primeiras formulações pressupõe, necessariamente, ainda que de forma indireta e inconsciente, a afirmação da ordem estabelecida, ou mesmo a crença romântica de que essa sociedade capitalista pode ser “menos



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

selvagem”. A questão que se coloca então é: dentro desse quadro estrutural, no qual os indivíduos no interior da sociedade estão atrelados as classes que protagonizam o controle do metabolismo social, é possível produzir conhecimento em qualquer âmbito (científico, religioso, filosófico etc.) que esteja para além das ideologias constituídas? É possível existir, como formulou Chauí, um tipo de conhecimento que vise “contrapor a ideologia ao saber real” (1984, p. 115), ou seja, um saber não ideológico?

Para responder a esta pergunta retornemos a Marx (2013) que, no posfácio da primeira edição alemã do capital afirma que

Por ser burguesa, isto é, por entender a ordem capitalista como a forma última e absoluta da formação social, em vez de um estágio historicamente transitório de desenvolvimento, a economia política só pode continuar a ser uma ciência enquanto a luta de classes permanecer latente ou manifestar-se apenas isoladamente (MARX, 2013, p. 85).

Assim, uma vez que as lutas de classes constituem a tônica da sociedade imperada pelo capital, a busca por aproximações sucessivas da verdade, deixa de ser uma preocupação da economia política. Evidentemente, essa formulação pode ser, com suas devidas considerações particulares, generalizada para toda a produção de conhecimento realizada sob regência do capital. Marx não deixa margens para dúvida ao afirmar que

Não se tratava mais de saber se este ou aquele teorema era verdadeiro, mas se, para o capital, ele era útil ou prejudicial, cômodo ou incômodo, se contrariava ou não as ordens policiais. O lugar da investigação desinteressada foi ocupado pelos espadachins a soldo, e a má ciência e as más intenções substituíram a investigação científica imparciais (MARX, 2013, p. 86).

O que assistimos, neste ínterim, é a subsunção estrutural da produção do conhecimento de forma geral aos desígnios sócio reprodutivos do capital, os quais, envolveu toda a sociedade. Se, do ponto de vista da produção do conhecimento protagonizado pela burguesia o teor ideológico, inclusive das mistificações, é um



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

dato constatável, sobretudo nas ciências sociais, mas também a subsunção das demais ao circuito de produção do capital, o teor ideológico das formulações articuladas pelas classes trabalhadoras também não pode ser negado. Por essa perspectiva, a ideologia deve ser compreendida no limite estrito da luta pelo controle do metabolismo social que está articulada as classes e seus respectivos interesses sociais subjacentes. Possuindo, portanto, uma força orientadora, constituindo uma “consciência social prática”, ambas as formulações se inserem no campo da ideologia.

Evidentemente o caráter ideológico das produções associadas às classes sociais não pode ser dissociado da busca pela aproximação sucessiva da verdade, conforme afirmou Marx. Entrementes, se a busca da verdade em determinados ramos da ciência se estrutura a partir da necessidade de maximizar a lucratividade do capital estando totalmente instrumentalizada para esse fim, nas ciências sociais, por outro lado, a uma necessidade sucessiva de produzir naturalizações e legitimações afim de perenizar as relações sociais estabelecidas.

Neste sentido, se, por um lado, a busca da verdade por parte da burguesia está articula nas necessidades sócio reprodutivas do capital, produzindo, por conseguinte, no campo da ideologia mistificações associadas a sua condição material que tem por finalidade sustentar a viabilidade histórica da sociedade do capital, por outro lado, a classe trabalhadora, que no âmbito da luta pelo controle do metabolismo social objetiva emancipar o trabalho de sua subsunção ao capital, possui a tarefa histórica de zelar da busca pela verdade afim de revelar as contradições sociais e expor as irracionaisidade da do sistema. Assim, “na medida em que tal crítica representa uma classe específica, ela só pode representar a classe cuja missão histórica é o revolucionamento do modo de produção capitalista e a abolição final das classes: o proletariado” (MARX, 2013, p. 87).

Entretanto, muito embora esta seja uma tarefa colocada à classe trabalhadora, conforme afirma Marx (2013), isso não impede que, no caminho para galgar um conhecimento aproximativo da realidade, venhamos a cair em armadilhas ilusórias



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

reproduzindo a própria ideologia burguesa como fez Chauí e Althusser ao propor uma separação drástica entre ideologia e ciência. Segundo afirma Coutinho,

[...] quando não iluminado por uma justa consciência teórica, quando capitula espontaneamente a realidade imediata, o movimento de inspiração marxista tende a assimilar ideologias burguesas, ou, mais precisamente, a responder de modo irracionalista ou “ativista” aos períodos de crise e de modo positivista e agnóstico aos períodos de estabilidade capitalista (2010, pp. 178 – 179).

Desta forma, em nossa percepção, não é possível existir um tipo de produção do conhecimento que esteja para além das forças ideológica que permeiam a sociedade, já que elas estão, necessariamente, articuladas a uma das três posições ideológicas que apresentamos acima estando, portanto, articuladas ao controle do metabolismo social. Do mesmo modo, não é possível contrapor ciência e ideologia sem que, com isto, se caia na armadilha de achar que a produção científica está para além dos interesses materiais da sociedade.

Assim, indivíduo, sociedade, classes sociais, ideologia e produção do conhecimento são dados da realidade que não podem ser dissociados dos interesses materiais em jogo.

CONCLUSÕES

O que tentamos evidenciar ao longo da explanação podemos pontuar da seguinte forma:

1. A ideologia não pode ser reduzida a seu aspecto negativo, visto que, ao mesmo tempo, pode também desempenhar um papel positivo no âmbito das lutas de classes contrapondo-se a ideologia burguesa e tornando os indivíduos praticamente conscientes dos conflitos sociais em curso;
2. A ideologia está articulada a práxis material de cada uma das classes que são antagônicas na sociedade capital e protagonizam o controle do seu



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

metabolismo, sendo que elas possuem forma, conteúdo e desempenham funções diametralmente opostas no interior da sociedade.

3. Como a sociedade está dividida em classes sociais antagônicas e os indivíduos fazem parte das classes que se antagonizam na sociedade, cada um em sua individualidade, manifesta características que são sociais e coletivas, estando, por este motivo, envolvidos diretamente por tais conflitos. Assim, é difícil imaginar que possa existir indivíduos que produzem conhecimento e o mesmo não esteja, de alguma forma, associados aos interesses materiais das respectivas classes.

Por tudo o que foi dito, acreditamos que a produção do conhecimento apresenta, de forma indissociável, ao menos nas sociedades de classes, um caráter eminentemente ideológico, sendo que ideologia e ciência são dados intercambiáveis da realidade. Entremetidos, não podemos perder de vista que as distintas ideologias desempenham papéis bem diferentes na sociedade, servindo para legitimar ou para questionar a sociedade do capital.

Acreditamos que, esse laço, por hora indissociável, entre ideologia e produção do conhecimento ou ideologia e ciência somente poderá ser desfeito no momento em efetivamente a ideologia crítica da classe trabalhadora se materializar enquanto prática social geral pondo, portanto, fim a sociedade de classe e fundando, em contrapartida, uma sociedade totalmente emancipada dos desígnios do capital.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. Aparelhos Ideológicos de Estado. In: ZIZEK, Slavoj (Org.). *O Mapa da ideologia*. Tradução de Vera Ribeiro: Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. São Paulo: Abril Cultural, Brasiliense, 1984.
- COUTINHO, Carlos Nelson. *O estruturalismo e a miséria da razão*. Posfácio de José Paulo Netto. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

LESSA, Sergio e TONET, Ivo. *Introdução da filosofia de Marx*. 2º ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

LESSA, Sergio. *Para compreender a ontologia de Lukács*. 3º ed. rev. e ampliada. Ijuí: Ed. Unijuí, 2012.

LUKÁCS, Georg. *História e consciência de classe: estudo sobre a dialética materialista*. Tradução: Rodnei Nascimento; revisão da tradução Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã: crítica a novíssima filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas, 1845 – 1846*. Organização, tradução, prefácio e notas de Marcelo Backes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

_____. *Manifesto Comunista*. Organização e introdução Osvaldo Caggiola; [tradução do Manifesto Álvaro Pina e Ivana Inkings]. 1 ed. revista. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, KARL. *O Capital: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital*. Tradução: Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

_____. *Contribuição à crítica da economia política*. Tradução e introdução de Florestan Fernandes. 2º ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MÉSZÁROS, István. *O Poder da Ideologia*. Tradução: Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Boitempo, 2004.

_____. *Estruturas sociais e formas de consciência II: dialética da estrutura e da história*. Tradução de Rogério Bettoni; revisão técnica Caio Antunes. São Paulo: Boitempo, 2011.

_____. *Filosofia, ideologia e ciência social*. Tradução de Ester Vaisman. São Paulo: Boitempo, 2008.